

# Terapia Corporal

## História da Terapia Holística

A História da Terapia Holística

"Em todo lugar e em todas as épocas, sempre existiram Terapeutas Holísticos"

(paráfrase sobre texto de 1986, do historiador alemão Werner Jägger, uma das maiores autoridades em História Clínica)

Essa parte das técnicas que aplicamos na Terapia Holística são anteriores à própria humanidade. Os animais utilizavam as plantas para se tratar, muito antes dos primeiros homens surgirem; também já usavam uso da gestação, alongamento, artes marciais, relaxamento... É natural pressupor que, desde sua origem, os seres humanos herdaram tais conhecimentos instintivos e/ou rapidamente os aprendiam pela observação.

As enfermidades são mais antigas que o homem. Nosso mais antigo ancestral encontrado com evidências de desconfortos (no caso, eram problemas dentais) era um Homo erectus de 800.000 anos atrás.

Dois povos de idade da Pedra (Paleolítico - até 8500 a.C. - Neolítico - de 8500 a 6500 a.C. e Neolítico - de 6500 a 3500 a.C.) eram conhecidos por muitas das mesmas doenças que o homem moderno. Têm bons observadores, o deduziram a estrutura e funções básicas de vários órgãos e a ação terapêutica das plantas. Já possuíam uma relativa interpretação Holística dos acontecimentos; a aflição de um membro do grupo, era igualmente um caso para toda a comunidade, que de alguma forma, estaria em desarmonia com o Universo e isso se refletia em um ou mais dos integrantes da tribo. Alguns se destacavam em compreender e lidar com estas questões, surgindo assim, nossos mais antigos colegas de profissão: os Xamãs!

...

O xamã é, antes de tudo, o porta-voz crucial de seu povo. É ele o iniciado nos mistérios da natureza, nos segredos dos ciclos de vida e morte, nos fenômenos mágicos ou climáticos que podem ameaçar sua comunidade. Possuindo um papel de agente equalizador de forças, mediante sua cumplicidade com a natureza, o xamã detém a sabedoria de interpretar os seus desejos e escutar os seus apelos a fim de contrapor às vicissitudes e às intempéries da vida seus ritos e passes capazes de restaurar a ordem cósmica, garantindo assim a permanência de sua gente ao longo das gerações.

O xamã opera sempre atento aos sinais que possam vir: lidos à sua volta, ele ouve as pulsações da terra, compreende o caráter dos ventos e tempestades, entende o que lhe dizem os animais, extrai conhecimento de plantas sagradas, vale-se das propriedades medicinais dos reinos mineral, vegetal e animal que o cerca, e prevê em razão de eventos observados a tendência das ocorrências vindouras.

O xamãismo xamânico, podemos afirmar, é sincrônico: isto é, longe da relação de causa e efeito a que o mundo civilizado ocidental, filio da ciência moderna, acostumou-se a viver nos últimos três séculos de história, o modo de viver xamânico privilegia as sincronicidades. Tal termo, no sentido que Theodor Jung (1875-1961), diz respeito ao fenômeno de coincidirem no tempo dois ou mais eventos objetivos, claramente perceptíveis na realidade exterior, sem relação causal entre si mesmos, mas que, simultaneamente, são consonantes com algum estado psíquico fortemente emocional, o que permite aquele que presenciar tal experiência, abstrair dela algum significado íntimo e valioso, capaz até mesmo de solucionar suas problemas cotidianas, sendo que tal entendimento se faz por via dos sonhos.

...

O xamã é aquele que atua em seu contexto cultural uma tendência íntima de espécie humana, que consiste em criar símbolos e transformar inconscientemente o significado de algo, seres vivos ou eventos naturais, de modo a conferir-lhes uma importância psicológica mais profunda (ou mesmo sagrada), para daí fazer uma leitura sincrônica das fenômenos todos que se agregam.

...

Os textos acima foram obtidos em: [www.xamandologia.com.br](http://www.xamandologia.com.br)

A imagem que ilustra esta matéria, talvez seja a mais antiga a retratar um ancestral de nossa espécie, ou seja, um Terapeuta Holístico que atuava entre 15.000 a 10.000 a.C. A figura foi pintada na caverna-templo de Vache-Frère, sul da França, onde um indivíduo, com corpo de cavalo, patas de urso e chifres de veado está dançando. No mesmo local, também foi encontrada outra imagem de um homem vestido pele de animal e tocando flauta.

Nas mais variadas culturas, o consenso era o de que o equilíbrio entre o estado natural e as desarmonias decorriam por desgasto aos deuses, às forças da natureza, ao Universo. Toda enfermidade teria uma mensagem a ser compreendida, cuja importância ia além do indivíduo, sendo comum a participação de toda a comunidade no tratamento.

O xamã xamânico atuaria como integrante do contexto das forças universais, compreendendo tudo como profundamente interconectado, pesquisando nos estratos do céu, nos ventos, na natureza, nos sonhos, enfim, buscando por "sincronicidades", por "menss", cuja leitura lhe transmitiria o caminho da terapia. Via de regra, os xamãs eram pessoas que se recuperaram de grandes perdas, traumas e situações de quase-morte, o que, inspiraria admiração e, em tese, implicaria que teriam intimidade e conhecimento maior junto as forças do universo. Este respeito adquirido destacava-o perante a comunidade, gerando o natural desejo de perpetuar esta "sabedoria", o que estimulo para que registrassem suas experiências, para poder transmitir seus conhecimentos aos sucessores, comumente, seus próprios descendentes. Os rituais, por canções, histórias e lendas, muito dessa sabedoria era perpetuada e transmitida de geração a geração.

A Rotopatia, associada a energias e catenais induzidas pelo canto e dança, eram poderosos instrumentos terapêuticos conduzidos coletivamente pelo sacerdote. Ao atribuir nomes significativos às plantas, vincular-lhes várias histórias e as sacramentalizar para atividades específicas, de forma didática e lúdica, garantiam que suas utilizações seriam difundidas pelas gerações seguintes. Muitas vezes, somente os "iniciados" compreendiam as "instruções" incutidas nas lendas, histórias, canções...

# Terapia Corporal

O crescimento de grandes civilizações propiciou o advento da escrita, acrescentando mais um instrumento de perpetuação do conhecimento terapêutico e, ao mesmo tempo, de difusão – já que a leitura e a escrita eram privilégios para poucos. No período de 2o milênio a.C., a História “ocidentalizada” registra o surgimento das primeiras escolas no Egito e na Mesopotâmia, com a elaboração de tratados e códigos de conduta, muitos dos quais chegaram até nossos dias. A terapêutica era associada aos templos, continuando atribuição do sacerdote, já que as desvantagens de cada um resultavam de sua inadequação perante os deuses do universo, representados pelas divindades.

Na antiga civilização Grega, as obras de Homero (750 a.C.) distinguem a terapêutica, atribuído-a aos deuses e heróis mitológicos. Haviam os templos destinados à terapêutica, muitas vezes sem a intervenção dos sacerdotes, com o povo recorrendo diretamente às divindades. A Grécia, em meados do século V a.C., começa a sistematizar a terapêutica, por meio dos filósofos pré-socráticos, culminando em Hipócrates, cuja teoria pregavam a abordagem holística, mas cuja prática estimulou a separação das demais ramas do conhecimento, dando nascimento ao que hoje se chama medicina. Além da eficácia das escolas, observe-se o início da tendência a interpretar o binômio saúde-doença como elemento isolados do universo à sua volta. O sacerdotismo começa a romper com a terapêutica, surgindo os primeiros da figura do médico atual e da abordagem “científica”, ruptura esta que culmina com Galeno, grego que atuava em Roma, em meados de 164 a.C., talvez sendo o primeiro “holista”, já que evidenciava “*Sanctus*” como sentido da natureza orgânica, e o estudo do corpo pelo “desmembramento de seus componentes”. Por esta personagem também se desenvolveu a justificativa para que surgissem diversas especialidades médicas, para fazer frente ao crescente número de “*Sanctus*” que passaram a ser identificados e definidos suas formas de diagnóstico e procedimentos.

Referindo-se a Galeno e suas consequências:

Exteriorizou de tal forma a complexidade das doenças que justificou o surgimento das diferentes especialidades médicas, nas quais o médico aprofundou seu conhecimento em determinado órgão ou sistema orgânico, quase sempre relegando a segundo plano a abordagem do ser como um todo. Já é, o médico especialista tem um conhecimento vertical profundo e horizontal limitado. (Atribui-se a A. Einstein a observação de que o especialista sabe quase tudo de quase nada, numa crítica veemente ao fragmentismo).

O método analítico cartesiano, inquestionavelmente, foi um dos pilares da fantástica evolução do mundo moderno. No entanto, é igualmente inegável que contribuiu para o descair dos sentimentos íntimos do ser humano, em virtude da ênfase na abordagem mecanicista. Serviu, por exemplo, para criar confusão entre riqueza material e felicidade individual - e isto explica, em parte, os desequilíbrios sociais (que tão bem conhecemos) e a destruição sistemática do nosso ecossistema, a qual, realizada em nome do progresso, ameaça a existência da vida na terra, inclusive a humana.

Essas observações levam a uma constatação paradoxal: a ciência, apesar de seu desenvolvimento fantástico nos últimos 150 anos e criada para aliviar ao homem conforto, paz e felicidade, não foi capaz de fazer o homem descobrir a paz, a felicidade e, principalmente, o amor! Ao contrário, desperdiçou um mundo dominado pelo egoísmo, crueldade, miséria, fome, opressão, guerras, destruição indiscriminada da natureza e descair pelos verdadeiros valores da ser: O conhecimento, tal como é hoje, sufoca a sabedoria e se impõe desacompanhado a ela.

Os trechos acima foram extraídos de [www.pedagogia.com.br/revista/revista-100](https://www.pedagogia.com.br/revista/revista-100) trechos selecionados da palestra HOLISMO E MEDICINA, de Nêlio Teixeira, Professor Titular e Livre Docente do Departamento de Clínica Médica - Universidade Federal de Uberlândia

Paralelamente a esta “movimentação separatista elitizada”, continuava a tradição xamânica, que mantinha a terapêutica como indissociável do autoconhecimento. Pertinente observarmos que as escolas médicas, elitistas por natureza, eram exclusivas para os letrados abastados e ao gênero masculino; já as tradições xamânicas, diretamente vinculadas à natureza, à espiritualidade, à intuição, à vocação, eram comparativamente mais democráticas, acessíveis a homens e mulheres, mesmo que originadas da base da pirâmide social.

Na Haute Média, apesar das grandes transformações desencadeadas pelas invasões bárbaras e pela difusão do Cristianismo e Islamismo, mantiveram-se Hipócrates e Galeno como paradigmas incontestáveis, com suas abordagens “científicas” e separatistas. A Igreja Católica estabeleceu-se pela força como proprietária da verdade divina e seus sacerdotes já não atribuíam mais a si o papel de terapeutas, na verdade, cada vez mais em oposição se estabeleciam os poderes da Igreja e os da medicina, pois esta abraçava a ciência, cuja objetividade frequentemente se defrontava com a interpretação e até a existência em si, dos dogmas do N. O povo, por sua vez, permeia a inexistência efetiva dos médicos e o “conceito espiritual” da Igreja, tinham que encontrar outros caminhos para tratar suas doenças, cabendo-lhes recorrer aos que ainda mantinham as tradições terapêuticas, agora relativizadas de Pelicoras... Respostavelmente, aplicou o gênero feminino ao termo, para contrapor as tradições da Igreja e das escolas médicas, cujo privilegiamento era exclusivo aos homens. Subjetada a um segundo plano na sociedade, a mulher viveu em íntima relação com a Natureza, da qual tirou as propriedades terapêuticas, além de aprender pela transmissão oral entre as gerações. Herdeiras da sabedoria milenar, as mulheres não se submeteram nem à Igreja, nem ao Estado e muitas gozavam de grande prestígio pela eficácia de seus tratamentos e aconselhamentos. Acusadas de satanismo por um lado e de viver de rendimentos ilícitos pelo outro, isso em nada abalou sua autoridade pelo povo, que encontrava respostas para suas questões físicas, emocionais e espirituais na terapia das Pelicoras.

Dividiu-se habilmente o reino de Sati: contra sua filha, sua esposa, a Pelicora, se armou seu filho, a medicina. A Igreja, que odiava profundamente aos médicos, lhe deixou fundar o monopólio de sua arte com a extinção da Pelicora, declarando no séc. XIV que, se a mulher ousar trair, sem ter estudado, será considerada Pelicora e deve morrer:

Texto extraído do livro A Pelicora, do historiador Jules Michelet

Como as mulheres eram proibidas nas escolas médicas, resulta daí que aquelas as que ofereciam terapia, eram condenadas às fogueiras da Inquisição... Pelicamente, nem todo o fogo da Igreja foi suficiente para queimar a sabedoria milenar, que gradualmente vem sendo resgatada e revalorizada em nossos tempos.

Já com o Renascimento, no alvorecer da Modernidade, muitos dos postulados clássicos começaram a ser revisitos, sendo que até mesmo a medicina passou a se definir como uma ciência essencialmente humanística. Até mesmo o humanismo, que estabeleceu as bases do método científico contemporâneo, ainda admitiu que a medicina fosse tanto ciência, quanto arte, visão romântica que perdurou até a metade do século XIX, pois na sequência, com o desenvolvimento da microbiologia, da patologia, das análises laboratoriais e da indústria farmacêutica, a medicina tendeu a abandonar a sua visão humanística e passou a pensar como ciência “exata”...

# Terapia Corporal

De fato, toda esse processo de superutilização das ciências biológicas, da super-especialização e das novas tecnologias que acompanham o desenvolvimento da medicina nos últimos décadas trouxe como consequência mais visível, a “documentação” do médico. Um sujeito que foi se transformando cada vez mais em um técnico, um especialista, profundo conhecedor de exames complexos, precisos e especializados, porém, em muitos casos, ignorante das questões humanas presentes no paciente que assiste. E isso, não apenas por força das exigências de uma formação cada vez mais especializada, mas também em função das transformações nas condições sociais de trabalho que tendem a proletarianizar o médico, restringindo barbaeramente a disponibilidade dele para o contato com o paciente, assim como para a reflexão e a formação mais abrangente.

Esses dilemas éticos de relação, entrevista, são apenas uma parte –importante,mas, sem dúvida, porém não exclusiva – da questão.

A desumanização da medicina deve ser encarada não apenas do ponto de vista ético, da relação entre médico e paciente, mas também do ponto de vista epistemológico.

Será que, efetivamente, nas circunstâncias atuais, as ciências humanas – a história, a filosofia, a literatura e a psicologia – não têm mais nada a dizer no campo do diagnóstico e do tratamento médico?

Texto extraído de “A (re)humanização da medicina”, de autoria de Dante MC Gallan, do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde da Unifesp - CPH

Com a evolução da sociedade, cada vez mais consciente e democrática, o questionamento aos valores estabelecidos fez surgir, em pleno século XX, uma revolução silenciosa, pacífica, sem lideranças pré-definidas, que eclodiu espontaneamente em várias partes do globo: a chamada “Revolução Aquariana”. Movimentos “hippies”, de contra-cultura, de reavaliação das tradições, fez com que os filósofos, santos, sacerdotes, herdeiros das artes terapêuticas antigas, resurgissem das cinzas da Inquisição e, à luz do dia, voltassem a exercer seus ofícios.

Nos últimos séculos, a sociedade havia saído de uma ditadura religiosa, onde um grupo de sacerdotes de elite determinavam o que era ou não verdade, de acordo com suas interpretações pessoais das leis divinas, emergindo para uma ditadura “científica”, onde um grupo de cientistas de elite determinavam o que é ou não verdade, de acordo com suas interpretações pessoais das leis do universo... Nesta nova ordem, a medicina continua no poder, aliada íntima da ciência, detida de grande prestígio, à tal ponto de dar-se ao luxo de dispensar de seus domínios certas técnicas que consideravam menos eficazes, permitindo a existência de psicólogos para cuidar da psique, dos fisioterapeutas para o corpo, odontólogos para a dentição e enfermeiros para o amparo diário. As técnicas milenares, então, lhes pareciam indignas de sua nobre atenção, já que em nada se enquadravam dentro dos dogmas científicos. Supunham que a sociedade, cada vez mais esclarecida, descuraria as terapêuticas milenares. Contudo, assim como na Idade Média, estas técnicas passaram a ser mais e mais procuradas. Se antes era por total falta de opção, nos tempos modernos a procura se dá por livre escolha.

Tão incomodados quanto a Igreja medieval, porém, sem poder lançar mão dos recursos das fogueiras, a elite atual fez uso de novo poder de fogo: a criação e interpretação distorcida das leis humanas... Assim, os tribunais da Inquisição, com suas fogueiras; agora, os juízes civis e criminais, com suas prisões e multas. Temos que admitir que alguma coisa melhorou...

Recentemente parangulou, os herdeiros das tradições terapêuticas se criam na necessidade de minimizar para sobreviver. Tentaram se expressar, vestir e portar a semelhança de seus paranguladores, numa tentativa de aceitação. Revisaram suas teorias, adaptando-as aquilo que lhes parecia ser mais “científico”. Com isso, ao invés de garantirem seus espaços, acabou por surtir efeito contrário: os antigos, que tanto criticavam as técnicas, agora que as mesmas lhes foram apresentadas “traduzidas” para eles fingir, passaram a desajustá-las para si... É como MONOPÓLIO!

No virado do século XX, iniciando o XXI, os parangulados se deram conta que estavam mão demais, pois estavam perdendo justamente aquilo que lhes era o **DIFERENCIAL**, constatarem, atônitos, que tanto cederam aos poderes dominantes, que estavam perdendo sua **IDENTIDADE**!

Em nova revolução silenciosa, se reorganizaram para resgatar sua herança, sua tradição e o orgulho de ser o que são. Revisitaram as técnicas ancestrais, sem desprezar o que a modernidade acrescentou de bom... Sem revanchismo, flowam se paos com o Estado, dando a Cesar o que é de Cesar, e reverenciaram a medicina, como uma irmã nascida do mesmo berço e com a qual devem se reconciliar e viver em paz.

Resgatando o milenar e abraçando o novo, contudo, sem jamais voltar a abrir mão da verdadeira identidade: sejam **TERAPEUTAS HOLÍSTICOS** deus, orgulhosamente herdeiros assumidos das terapias milenares de patruca.

ID de solução único: #1199  
Autor: : SINTE SINDICATO DOS TERAPEUTAS  
Última atualização: 2007-08-24 13:14